

**Contra a perfeição:
Ética na era da engenharia genética^(*)**

**The case against perfection:
Ethics in the age of genetic engineering**

**Contra la perfección:
Ética en la era de la ingeniería genética**

Michael J. Sandel

Resenha da obra:

Margareth Vetis Zaganelli¹

Mateus Miguel Oliveira²

Rodolfo Moreira Baptista³

(*) Recibido: 08/03/2020 | Aceptado: 13/03/2020 | Publicación en línea: 01/04/ 2020.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

- ¹ Doutora em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora Titular de Direito Penal, Processual Penal e de Teoria do Direito da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do Bioethik - Grupo de Estudos e Pesquisas em Bioética (UFES) e do Grupo de Estudos e Pesquisas e MIGRARE: Migrações, Fronteiras e Direitos Humanos (UFES). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8405-1838>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3009983939185029>. E-mail: mvetis@terra.com.br
- ² Discente no curso de Direito pelo Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória (IESFAVI) e no curso de Lic. em Língua Port. e Literat. de Língua Port. pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil. Membro do "Bioethik", grupo de estudos e pesquisas em Bioética (UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6176-2402>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2502036335068023>. E-mail: mateus.miguel624@gmail.com.
- ³ Graduando no curso de Farmácia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro do Grupo de Pesquisa em Implementação e Integração do Cuidado Farmacêutico no Sistema de Saúde (UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8624-5161> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8498440937043522>. E-mail: rodolfombaptista@outlook.com.

SANDEL, Michael J.: *Contra a perfeição: Ética na era da engenharia genética*; tradução de Ana Carolina Mesquita. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2018; 160 páginas.

Tradução de: *The Case Against Perfection: Ethics in the Age of Genetic Engineering* (2007)

ISBN: 978-85-200-1207-9

Publicada em sua versão original, *The Case Against Perfection: Ethics in the Age of Genetic Engineering* (2007), de autoria do professor de filosofia e política da Universidade de Harvard, escritor e filósofo norte americano



Michael J. Sandel, autor do também consagrado “*Justiça - O que é fazer a coisa certa*”, a presente obra resenhada é produto da vasta experiência do autor em temas atuais relacionados à bioética, o que, inclusive, levou-o a integrar o conselho de bioética do então presidente do Estados Unidos George W. Bush, em 2001. A obra alude que tudo desemboca no desejo de aprimoramento humano e imortalidade, utilizando questionamentos, a partir de análises fáticas, levando o leitor a debates entre a ética e a moral, tendo por escopo a dúvida, como um lugar de reflexões empíricas e humanitárias.

No Brasil, a tradução da obra se deu em 2018, realizada por Ana Carolina Mesquita e publicada pela editora Civilização Brasileira, oportunidade em que todos os debates e reflexões críticas levantadas na obra original foram conduzidas de forma comprometida e contextualizada aos leitores brasileiros.

No tocante ao escopo da obra, considera-se que tem a finalidade de apresentar os prós e contras correlatos à edição de genes, apontando,

contudo, as críticas concernentes a manipulação do próprio ser. Ponderando acerca do caráter de promessa e dilema da edição genética, Sandel dispõe que “a promessa é que em breve seremos capazes de tratar e prevenir uma série de doenças debilitantes. O dilema é que o nosso recém-descoberto conhecimento genético também pode permitir a manipulação de nossa própria natureza” (p. 19).

Nesse sentido, abordou-se em cinco seções temáticas os dilemas éticos, morais e sociais relacionados à engenharia genética na sociedade contemporânea, quais sejam, respectivamente, “A ética do melhoramento”, “Atletas biônicos”, “Filhos projetados, pais projetistas”, e “Domínio e talento”. Finalizando com um epílogo intitulado “ética embrionária: o debate sobre células tronco”.

Iniciando com as premissas básicas da bioética, em “A ética do melhoramento”, trata acerca de situações casuísticas, envolvendo polêmicas em decorrência dos avanços da edição de genes, a liberdade que a técnica proporciona e as divergentes opiniões que as cercam. O autor relata, ainda, sobre escolhas de progenitores em realizar uma moldagem de sua prole, induzindo mudanças que acreditam ser melhores.

No entanto, questiona o que seria visto como errado: o tipo de mudança ou a mudança em si? Sandel revela que os objetivos das edições de genes, nesses casos, são de pais competitivos escolherem seus parceiros ou fecundadores, de acordo com os aspectos físicos e intelectuais, por exemplo. Além disso, aborda a estratégia da indústria em comercializar a clonagem de animais, evidenciando a futura possibilidade de clonagem humana, tornando a temática da obra ainda mais relevante e questionadora (pp. 15-22).

Na segunda seção temática, “Atletas biônicos”, reflete que a liberdade de nossas ações e esforços, que impulsionam orgulho ou censura de nossas escolhas e conquistas, são ameaçadas pelos induzimentos aos melhoramentos fisiológicos. Voltando-se ao âmbito esportivo, onde evoluções biomédicas modificam músculos e produzem novos esteroides, que, por sua vez, transferem o mérito do atleta em conquistar um feito admirável para o enfático trabalho do inventor de suas alterações artificiais.

Contudo, de acordo com o autor, a problemática se verifica no almejo por satisfazer nossas vontades, ultrapassando, assim, o modelo de natureza que nos é entregue, como uma dádiva. Por conseguinte, tendo que, na visão social das competições esportivas, o que se valoriza é o sucesso, e não o esforço (pp. 39-42).

Nesse sentido, exemplifica o caso de Tiger Woods - vencedor de cinco torneios seguidos de golfe -, que após realizar uma cirurgia ocular, devido à baixa capacidade de enxergar, em 1999, acarretou indagações a respeito das influências proporcionadas pelas modificações no corpo, por exemplo, se a cirurgia lhe fornecesse uma visão de qualidade superior a visão de outro jogador, seria uma alteração ilegítima? Assim, ponderando que o caráter perturbador do melhoramento, independente de seus meios (como cirurgias, lentes de contato, etc.), é devido distorção e sobrepujamento aos talentos naturais (p. 44).

Ao finalizar, Sandel alude que “se certas formas de treinamentos são meios questionáveis de melhorar o desempenho, determinados regimes também são” (p. 46), ao passo que o questionamento ético do melhoramento, seja por alterações genéticas, esteroides, hormônios, entre outros, dá-se à medida que a integridade do esporte (essência do jogo) deve ser honrada, isto é, fazer as regras de modo honroso ao ser, valorizando suas habilidades naturais, o que, por conseguinte, afasta o caráter de “espetáculo” das competições.

Em “Filhos projetados, pais projetistas”, questiona-se: qual a origem do amor dos pais por um filho? Seria em suas qualidades e em seus talentos? Em resposta, assevera que diferente de parceiros ou amigos, os quais escolhemos por diversas características e qualidades que julgamos atrativas, os pais não devem escolher como serão os seus filhos.

Prosseguindo em seu silogismo, pondera que o uso da bioengenharia para a cura de doenças e enfermidades não compromete suas capacidades naturais e, portanto, é mais que válido, em nome da saúde. Ao se preocuparem com questões relacionadas à saúde e bem estar dos filhos, os pais cumprem devidamente seu papel (p. 60).

Contudo, a escolha do sexo, do intelecto e das habilidades físicas, determinadas por gastos exuberantes dos progenitores, tornam seus filhos projetos de suas ambições. O limite entre essas distinções nem sempre é claro, porém, as consequências são bem delineadas: as atitudes contrárias ao princípio do amor incondicional, o mesmo é aceito - o que reafirma o caráter da prole - mas não é transformado, não almeja seu bem estar (pp. 62-63).

De outro modo, qual a diferença entre pais que investem em uma educação mais qualificada para seu filho e aquele que investe em melhoramento genético para a mesma finalidade? Pais dominadores decidem o futuro de seus filhos durante boa parte de suas vidas. Contudo, o que se questiona, nesse aspecto, é acerca da dominação exacerbada do ser, o que, de certa maneira, retira-lhe sua autonomia, podendo ensejar o caráter perturbador da eugenia (pp. 64-73).

Posta a premissa de domínio, segue com “A nova e a velha eugenias”, oportunidade em que apresenta o conceito originário de eugenia, bem como as suas consequências nas primeiras décadas do século XX, sobretudo nos Estados Unidos da América e, posteriormente, na Alemanha. Assim, o autor alude que a o conceito de eugenia abordado tentou se implantando na sociedade de forma macro, ou seja, buscando-se a positivação estatal para participar efetivamente na “preservação da raça”, ou na eliminação de “pessoas geneticamente indesejáveis”, objetivando a não reprodução daquelas (pp. 77-81).

Contudo, a hipótese do autor se desdobra na possibilidade um novo conceito de eugenia na sociedade contemporânea, a qual denomina de “eugenia de livre mercado”, “eugenia liberal” ou “a nova eugenia”; utilizando-se, mais uma vez, do questionamento para demonstrar a concretude da hipótese tratada, indaga: “seria a eugenia censurável somente quando coercitiva? Ou haverá algo de errado mesmo com as formas de controlar a carga genética da geração seguinte?” (p. 82).

Sandel consigna o entendimento de diversos teóricos, filósofos e cientistas acerca do novo caráter liberal da eugenia e os seus possíveis desdobramentos na sociedade, isto é, o controle da autonomia, liberalidade dos progenitores, etc. Concluindo que a nova face da eugenia é a consequência de uma sociedade cada vez mais competitiva, porém, aceitá-la sem a devida reflexão, é ensejar gradativamente a atitudes de dominação (pp. 82-93).

Por fim, em “Domínio e Talento”, há reflexões relacionadas às fundamentações que sustentam a nossa reprovação frente às biotecnologias, sobretudo ao dilema do melhoramento genético, como uma forma de triunfo sobre nossa própria espécie. Destaca-se a seguinte indagação: “Mas por que, poderíamos nos indagar, se preocupar com tal triunfo? Por que não simplesmente nos livrarmos de nosso incômodo com o melhoramento, como qualquer superstição? O que se perderia caso a biotecnologia dissolvesse nosso senso de dádiva?” (p. 97).

Argumenta, ainda, que, além da religião, que fortifica nossa crença de que os talentos e potenciais que adquirimos não se devem unicamente a nós, a humildade, a responsabilidade e a solidariedade social compõe a moral frente a valorização das conquistas e dádivas naturais. Aceitar o imprevisto é ter controle sob o impulso de controlar, é viver em um mundo amplo (p. 98). Por mais que seja visível a dizimação da dedicação e esforço natural, pelos avanços de aperfeiçoamentos artificiais, o principal problema é a mudança do responsável pelas escolhas (pp. 98-99).

Portanto, a engenharia genética, que iniciou com escopo de cura e tratamento de doenças, perdura como uma ferramenta do homem, um produto da ambição, em aperfeiçoar sua natureza. O exercício da mudança social exige diálogo e preservação ao que nos remete a nossa humanidade e, ainda, ao caráter solidário do ser, desencadeando, assim, a cooperação na busca de novos paradigmas para evolução equilibrada, valorativa e ética.

Vitória, março de 2020.

Margareth Vetis Zaganelli

Mateus Miguel Oliveira

Rodolfo Moreira Baptista